



DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2026v28id5547>

JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO, O TRABALHO E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA (EF) EM FOCO

Young high school students, work and financial education (PE) in focus

Jóvenes estudiantes de secundaria, trabajo y educación financiera (EF) en foco

Tânia Regina Raitz¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4698-6077>

E-mail: raitztania@gmail.com

Daniel de Mello²

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7021-498X>

E-mail: danieldemello16@hotmail.com

Resumo: Este texto apresenta resultados de uma pesquisa que buscou analisar o que destacam os estudantes do Ensino Médio sobre as relações que estabelecem com o trabalho e o ensino da Educação Financeira. Consiste numa pesquisa qualitativa com estudantes de uma escola pública do território catarinense. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com os/as jovens e o tratamento dos dados ocorreu dentro dos princípios da análise de conteúdo. Nos resultados, percebemos que a Educação Financeira na escola não é apenas uma disciplina comum, que logo deixará de ser utilizada, mas sim um conhecimento que será aplicado durante toda a vida e sua ausência pode impactar negativamente a vida das pessoas por um longo período. Neste sentido, na pesquisa, foi possível observar, por meio dos achados, que alguns estudantes possuem a concepção de que a disciplina de Educação Financeira os auxilia a lidar com situações cotidianas que envolvem conhecer o valor de mercadorias, tomar decisões com dinheiro e administrar suas próprias finanças em alguns momentos, tendo como finalidade economizar para poder investir em suas metas e estar mais conscientes para o futuro.

Palavras-chave: ensino médio; trabalho; educação financeira.

¹ Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Itajaí, SC, Brasil.

² Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Itajaí, SC, Brasil.

Abstract: This text presents the results of a study that sought to analyze what high school students emphasize about the relationships they establish with work and the teaching of Financial Education. It consists of a qualitative study with students from a public school in the state of Santa Catarina. To collect data, interviews were conducted with young people and the data were processed according to the principles of content analysis. The results show that Financial Education in schools is not just a common subject that will soon cease to be used, but rather knowledge that will be applied throughout life and its absence can negatively impact people's lives for a long time. In this sense, the research revealed that some students believe that Financial Education subject helps them deal with everyday situations that involve knowing the value of goods, making decisions with money and managing their own finances at times, with the purpose of saving money to invest in their goals and be more aware of the future.

Keywords: high school; work; financial education.

Resumen: Este texto presenta los resultados de una encuesta que buscó analizar lo que los estudiantes de secundaria destacan sobre las relaciones que establecen con el trabajo y la enseñanza de la Educación Financiera. Se trata de una investigación cualitativa con estudiantes de una escuela pública de Santa Catarina. Para recolectar datos se realizaron entrevistas a jóvenes y el procesamiento de datos se realizó de acuerdo con los principios del análisis de contenido. A partir de los resultados, nos damos cuenta de que la educación financiera en las escuelas no es sólo una materia común que pronto quedará obsoleta, sino más bien una experiencia de aprendizaje permanente, y su ausencia puede afectar negativamente la vida de las personas durante mucho tiempo. En este sentido, la investigación reveló, a través de sus hallazgos, que algunos estudiantes creen que la Educación Financiera les ayuda a lidiar con situaciones cotidianas que implican comprender el valor de sus activos, tomar decisiones sobre el dinero y administrar sus propias finanzas en determinados momentos, con el objetivo de ahorrar para invertir en sus metas y ser más conscientes de su futuro.

Palabras clave: escuela secundaria; trabajar; educación financiera.

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta alguns resultados de um estudo que teve como objetivo analisar o que destacam os jovens estudantes do Ensino Médio sobre as relações que estabelecem com trabalho e o ensino da Educação Financeira (EF). Tais estudantes frequentam uma escola pública do território catarinense e realizaram a disciplina eletiva de educação financeira. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. No percurso metodológico, fizemos entrevistas com os jovens para a produção das informações acerca da temática e, para as reflexões analíticas, empregamos os preceitos da análise de conteúdo conforme Bardin (2016).

Nos últimos tempos, a Educação Financeira (EF) vem se difundindo e criando espaço nos currículos brasileiros. Isso ocorre desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 2000, 2002), especialmente após a divulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), bem como do desenvolvimento de Temas Contemporâneos Transversais (TCT).

Diante de um mundo em constante transformação em todas as áreas do conhecimento, educar financeiramente os estudantes do Ensino Médio tem se tornado um grande desafio, sobretudo quando consideramos os obstáculos socioeconômicos do século XXI, prioridade em nosso país. Essas questões têm atraído educadores, acadêmicos e pesquisadores, configurando-se num tema fundamental de alcance de cidadania e de direitos humanos.

De acordo com Kistemann Junior (2011), a ausência do tema EF nas escolas brasileiras tem se constituído uma preocupação tão intensa quanto a sua implantação e implementação “por meio de abordagens equivocadas e, muitas vezes, movidas por interesses de instituições mais preocupadas com seus próprios ganhos do que com o bem-estar dos cidadãos, limitando-se à venda de produtos e serviços” (Kistemann Junior, 2011 *apud* Giordano *et al.*, 2023, p. 13).

Na atualidade, a maioria das transações comerciais são orientadas pelo dinheiro, em que os indivíduos realizam alguma atividade profissional e, por sua vez, recebem um valor em dinheiro para consumir com o que acreditam ser necessário para sua subsistência. Bauman (2013) salienta que fazemos parte de uma sociedade que consome demasiadamente. Neste contexto, as pessoas possuem uma estratégia de vida sustentada pelo crédito, conduzindo como modo de vida a seguinte máxima: aproveite agora e pague depois. Nesta perspectiva, elas são induzidas pelas técnicas de marketing e das políticas governamentais que estão treinando as multidões de estudantes na arte e no hábito de viver de crédito.

Uma pesquisa elaborada no mês de janeiro de 2024, pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Confederação [...], 2024), revela que 77% das famílias brasileiras estavam endividadas, em dezembro cerca de 29,3% estavam com dívidas em atraso, acima do mesmo período de 2023 (28,8). Outro aspecto importante apresentado na pesquisa foi que houve uma grande parcela de consumidores que atrasaram dívidas por mais de 90 dias, chegando a 44,5% de

inadimplentes, a maior proporção desde abril de 2020. Desta forma, verifica-se que a maior parte das famílias brasileiras estão endividadas e que a educação financeira é um tema da atualidade que deve ser cada vez mais trabalhado e aprofundado, mas levando em consideração o que foi dito anteriormente: sem interesses gananciosos de instituições e empresas.

Silva (2004) enfatiza que o endividamento ou descontrole financeiro inicia quando os gastos financeiros são superiores à renda ou quando se perde receita e se recorre a armadilhas como o cartão de crédito para completar o orçamento, portanto, enquanto não for cortado o crédito, a situação fica cada vez mais difícil. Outra pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), publicada em março de 2022, por meio do relatório Visão Geral da Educação 2022, mostrou que, dos brasileiros, entre 25 e 34 anos, apenas 23% concluíram o ensino superior e 48% possuem cursos acima do ensino médio, mas não graduação (Organização [...], 2022).

Diante do exposto, constatamos que uma parte significativa da população brasileira possui apenas a escola como ambiente de educação formal, o que mostra a importância de estar trabalhando temáticas como educação financeira no ambiente escolar. Entretanto, muitos pesquisadores no âmbito da Educação Matemática, insatisfeitos com a percepção de EF com o objetivo do ensino para o consumo, ressignificam e “elaboraram uma compreensão própria acerca do tema, de modo a se aproximar de uma vertente, deveras, educacional, que propicia ferramentas e possibilita ao sujeito entender e refletir sobre variados tópicos que permeiam a EF” (Mazzi; Domingues, p. 2021, p. 3).

Os autores argumentam que isso não se dá somente no que se refere ao consumo, aos produtos financeiros e aos investimentos, mas no modo como acontece o processo de ensino e aprendizagem, que consiste num conjunto de informações que propicia aos estudantes a inserção no universo do dinheiro. Eles são estimulados a ter uma compreensão sobre finanças e economia, por meio desse processo de ensino, que os prepare para analisar, resolver problemas, tomar decisões e se posicionar criticamente a respeito de questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (Silva; Powell, 2013 *apud* Mazzi; Domingues, 2021, p. 3). Portanto, as pesquisas que objetivam investigar o tema em questão se tornam extremamente relevantes do ponto de vista científico e social.

Sendo assim, este estudo foi guiado pela seguinte questão problema: Como os/as estudantes do Ensino Médio catarinense percebem o ensino da EF no ambiente escolar? Para responder tal questão problema, o presente artigo foi dividido da seguinte forma: Algumas reflexões sobre o ensino médio e a educação, Metodologia, Alguns resultados e reflexões analíticas e Considerações finais.

Neste sentido, exibimos um recorte de uma investigação que foi desenvolvida acerca das percepções dos/as estudantes sobre o ensino da educação financeira no ambiente escolar e a relação com seu cotidiano.

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO MÉDIO E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

O Ensino Médio é a última fase da educação básica em que todo cidadão brasileiro possui o direito de cursar. Todavia, no Brasil, tem-se observado que a realidade educacional representa um obstáculo para a garantia do direito à educação. Para além da necessidade de universalizar o atendimento, tem-se apresentado de extrema importância assegurar a permanência e as aprendizagens dos estudantes, atendendo as suas demandas e aspirações presentes e futuras (Brasil, 2018).

Com a finalidade de assegurar uma educação de qualidade que contemple todos os jovens e de aproximar as escolas da realidade deles na atualidade, considerando as demandas e complexidades do mercado de trabalho e da vida em sociedade, o governo antigo ao atual alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional por meio da Lei 13.415/2017 (Brasil, 2017). Através dessa Lei, estabeleceu-se uma mudança no ensino médio, ampliando a carga horária anual do estudante na escola e colocando uma nova organização curricular, mais flexível, que contemplou uma Base Nacional Comum Curricular e ofereceu diferentes possibilidades de escolha aos alunos, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e formação profissional.

Após essa alteração na organização curricular, a Educação Financeira pode ser vista de duas formas no ensino médio do território catarinense. Na primeira delas, aparece como tema contemporâneo transversal, incluso na macroárea economia, que deve ser trabalhado de maneira obrigatória. Já na segunda forma, surge nos componentes curriculares eletivos que se inserem na área da matemática e de suas tecnologias.

No Brasil, a Educação Financeira tem avançado de maneira sucessiva, motivada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, mesmo possuindo imperfeições, em conjunto com os itinerários formativos e os temas contemporâneos transversais, trouxe para o ambiente escolar a necessidade de discutir assuntos que se limitavam a aspectos técnicos da matemática financeira. Deste modo, a Educação Financeira reúne condições indispensáveis para o planejamento e a realização do projeto de vida, uma das requisições estabelecidas na BNCC, e contribui para a tomada de decisões pessoais, com implicações éticas e morais sobre as adversidades de interesses sociais, políticos, econômicos, históricos, culturais e ambientais (Giordano *et al.*, 2023)

Neste contexto, a mediação entre docente e discente é muito importante para que os estudantes percebam a relevância de uma organização financeira que esteja em harmonia com o seu projeto de vida e com os aspectos sustentáveis do planeta, assim como raciocinar sobre o consumo por impulso, compras parceladas e à vista, mudança de comportamentos em momentos de crise econômica ou sanitária, o custo de um lar com adultos e crianças e as ocorrências de endividamento desnecessário (Kistemann Júnior; Giordano; Damasceno, 2022).

Não podemos esquecer de que o “consumidor em geral sofre influências dos fatores sociais, culturais, emocionais, como também pela facilidade do uso que faz

quando compra a crédito ou com o uso do cartão de crédito, bem como pelo marketing intenso” (Giordano *et al.*, 2023, p. 15). Segundo os autores, “[...] a falta de planejamento financeiro, em grande medida, pode estar contribuindo para o desequilíbrio orçamentário e, por conseguinte, para o endividamento descontrolado do indivíduo” (p. 15).

Em 2017, o governo antigo ao atual enxergava o Ensino Médio como algo ultrapassado, que seu currículo não favorecia a aprendizagem e possuía um excesso de disciplinas e, consequentemente, criaram o Novo Ensino Médio (NEM). Nesse novo sistema de ensino, foram incluídos novos temas para serem desenvolvidos com os alunos, levando para eles assuntos considerados importantes para o seu dia a dia. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), o Novo Ensino Médio deve abranger temas contemporâneos que influenciam a vida humana em proporção local, regional e global, preferencialmente de maneira integradora e transversal (Santa Catarina, 2021a).

Diante deste contexto, os temas Contemporâneos transversais trazidos no decorrer de todo o currículo, não apenas na formação geral básica, mas também na parte flexível do currículo, são representados como questões de utilidade e essenciais, correspondendo a temas relevantes, urgentes e presentes no dia a dia das pessoas, favorecendo a formulação conceitual complexa em volta de temáticas como Economia, Saúde, Meio Ambiente, Cidadania e Civismo, Interculturalidade, Ciência e Tecnologia. Além de assegurar o recomendado pela legislação em torno de algumas temáticas, tais temas têm enorme potencial de uma educação direcionada como princípio orientador de aprendizagens para a cidadania, objetivando ainda a transversalização como maneira de organização das práticas escolares (Santa Catarina, 2021a).

Nesses temas contemporâneos transversais, temos a temática Educação Financeira dentro da macroárea economia, evidenciando que ela é uma temática atual e que deve estar presente na vida dos(as) alunos(as). Outra maneira que a Educação Financeira aparece no Ensino médio do Estado de Santa Catarina é por meio dos Componentes Curriculares Eletivos (CCEs). São componentes semestrais e auxiliam para o desenvolvimento, a diversificação das aprendizagens e a potencialização do fator de flexibilização do currículo. Tais temas inclusos nesses CCEs foram elaborados com base em pesquisas com escolas-pilotos da Rede e, deste modo, levantados indicativos do que os jovens gostariam de aprender e vivenciar no ambiente escolar (Santa Catarina, 2021b).

Sendo assim, o ensino deve acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade, pois os avanços tecnológicos resultam em diferentes formas de realizar as atividades do cotidiano, mudando completamente a maneira de como as gerações vivem e, portanto, estudam. Deste modo, as instituições de ensino devem incorporar novos assuntos que contribuam para uma educação que está evoluindo constantemente, abrangendo temas que contribuam para um desenvolvimento educacional mais sustentável. A seguir, expomos o caminho metodológico que contribuiu para trazer a coleta de dados e os resultados obtidos mediante a análise de conteúdo.

3 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa foi de natureza qualitativa com o uso de entrevistas semiestruturadas. Foi realizada presencialmente em uma escola pertencente à Rede estadual de Ensino de Santa Catarina, estado situado na região sul do Brasil, que oferta a disciplina eletiva “Educação Financeira”. A escolha dessa instituição de ensino, localizada no município de Itajaí, deu-se em virtude de constar 6 (seis) turmas da disciplina de Educação Financeira, sendo ministrada no ano letivo de 2023, apesar de não ser uma disciplina obrigatória de ensino.

Outra situação que contribuiu para a escolha foi que a instituição também ofertou a disciplina de Educação Fiscal no início do semestre para os estudantes, evidenciando que a escola considera importante as temáticas relacionadas à Educação Financeira e Fiscal para o desenvolvimento dos alunos. Todos(as) os(as) estudantes que estavam cursando a disciplina de Educação Financeira foram convidados para participarem da primeira etapa da pesquisa, que compreendeu a aplicação de um questionário para caracterizar o perfil socioeconômico. Já com relação às entrevistas, abrangemos todos(as) os(as) estudantes que demonstraram interesse em ser entrevistados.

Portanto, de maneira resumida, este estudo contemplou os estudantes que estavam matriculados e frequentando o primeiro ano do ensino médio no período em que estava sendo realizada a coleta de dados, como também, tinham que estar cursando a disciplina eletiva de Educação Financeira no segundo semestre de 2023. Nesse estudo, as falas dos participantes foram o principal aspecto a ser analisado, com o objetivo de investigar as percepções dos estudantes entre o ensino da Educação Financeira no ambiente escolar e seu cotidiano.

A análise das narrativas dos estudantes visa a um estudo qualitativo, seguindo, como referencial teórico-metodológico, a utilização da análise de conteúdo, a qual é desenvolvida por Bardin (2016) como um composto de técnicas de análise das comunicações, que faz o uso de métodos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens.

A análise dos dados também envolveu a triangulação dos dados, em que trouxemos os trabalhos presentes no estado do conhecimento que estavam relacionados à temática de estudo. O estado do conhecimento foi desenvolvido no período de 2017 a 2023 no portal de periódicos da Capes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, com os seguintes descritores: “ensino médio AND educação financeira AND jovens”, “percepção AND educação financeira AND ensino médio” e “temas transversais AND educação financeira”. Ao todo, encontramos 24 artigos e 26 teses e dissertações.

Com o propósito de garantirmos o anonimato dos estudantes que foram sujeitos da pesquisa, será atribuída em suas respostas a palavra “Estudante” seguida de um numeral: Estudante 1, Estudante 2, Estudante 3, e assim sucessivamente. Ao todo, esta pesquisa contou com a participação de 60 estudantes, sendo 48 na primeira

fase do estudo, em que tratamos da caracterização do perfil socioeconômico dos pesquisados, e 12 estudantes na segunda parte, etapa que foi realizada a entrevista semiestruturada. Desses 48 estudantes, 32 se consideram do gênero feminino, enquanto 16 se consideram do gênero masculino. A maior parte desses estudantes possuem idade entre 15 e 16 anos, consideram-se brancos ou pardos e não exercem atividade remunerada.

4 ALGUNS RESULTADOS E REFLEXÕES ANALÍTICAS

Na atualidade, as escolas passaram a congregar cada vez mais alunos heterogêneos devido à obrigatoriedade, gratuidade e expansão, demonstrando para eles que não se trata apenas do período final da educação básica, mas também que, para muitos deles, é uma fase de encerramento do ciclo de escolarização. Por consequência disso, apresenta-se o debate sobre a identidade do ensino médio, se essa etapa deve ser uma preparação visando ao ingresso no mercado de trabalho ou a preparação para entrar no ensino superior (Alves, 2017).

A formação tendo em vista o mercado de trabalho é uma realidade para muitas dessas juventude(s,) podendo ser evidenciada em algumas das respostas que foram apresentadas para o seguinte questionamento: os conteúdos trabalhados nas aulas de educação financeira contribuem de que maneira e em quais aspectos da sua vida?

Contribuem na forma financeira mesmo de você perceber como a vida adulta vai ser mesmo, quando você vai trabalhar, o que você vai ter que passar, o que você vai ter que fazer, que normalmente nunca falam na escola, que normalmente a gente tem que aprender na vida adulta ali na hora mesmo (Estudante 3).

[...] se eu não soubesse de juros, impostos, se eu não tivesse uma educação ao menos básica financeira, eu não poderia entrar diretamente no mercado de trabalho, eu ia ter inúmeras dificuldades (Estudante 9).

Nessas narrativas, percebemos que a educação financeira aparece como algo importante para os jovens, está associada a um conhecimento que auxilia na preparação para o ingresso no mercado de trabalho e para a vida. Deste modo, nota-se que a percepção de uma parcela de estudantes é terminar o ensino médio com o intuito de partir para o mercado de trabalho, diferente do/a estudante 2, que vê de uma maneira um pouco diferente:

Muito, porque a educação financeira agora que a gente está aprendendo a como lidar com o dinheiro, e como a gente é muito novo, a gente pensa em gastar, quero gastar, quero comprar isso e isso, mas não, a gente tem que investir em alguma coisa para o nosso futuro, uma faculdade, uma casa própria, um conforto melhor (Estudante 2).

Nesse discurso, temos alguns pontos que chamam a atenção: a) a ideia de educação financeira associada com a administração, gastos e investimentos para realizar sonhos, como no caso da casa própria.; b) a ênfase na palavra “agora”, demonstrando que foi durante o ano letivo que ele/ela começou a aprender a lidar com o dinheiro.; c) o interesse em prolongamento dos estudos, e a educação financeira pode ser uma metodologia que contribuirá para a realização deste objetivo. Em continuidade com os depoimentos, observa-se que as famílias têm grande peso nos impactos de como os estudantes enxergam essa contribuição dos conteúdos no dia a dia, podendo ser constatado nas falas abaixo:

[...] como eu não trabalho, eu não tenho noção de educação financeira, porque meu pai me dá dinheiro [...] eu fui mal-acostumado porque eu sempre estou com tudo na minha mão, então não serve muito para mim (Estudante 4).

[...] Algumas vezes no ano eu me diverti bastante e o que eu aprendo lá eu uso, vou dar um exemplo: a minha família, eles estão querendo comprar um apartamento, eles estão usando as contas que a gente aprendeu a fazer, que é juros composto, para ver quanto que vai dar o valor na hora que for comprar um apartamento, porque vai ter os juros, não vai? Eu acho que se aplica nesses momentos (Estudante 7).

Diante de tais relatos, tem-se que a família pode influenciar negativa ou positivamente o comportamento dos filhos com relação às finanças. No caso do/da Estudante 4, ter educação financeira para ele/ela só faz sentido quando estiver no mercado de trabalho, pois consegue dos pais todas as coisas com facilidade, porém, para o/a Estudante 7, os conteúdos trabalhados em sala de aula auxiliam nas tomadas de decisão da família, uma vez que utiliza contas que aprendeu a fazer durante a aula para buscar melhores alternativas de compras.

Dentro do ambiente escolar ainda existe uma noção de aluno(a) muito acentuada, sendo que, na verdade, estamos diante de sujeitos diferentes, que possuem saberes e histórias de vida que vão além do estabelecido nos currículos oficiais escolares (Alves, 2017). “A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta” (Dayrell, 2007, p. 1117). Assim, estamos diante de pessoas com diferentes trajetórias, que vivem de maneira distinta e, muitas das vezes, é apresentado um conteúdo para os(as) alunos(as) que não está de acordo com a sua realidade.

Conforme Teodosio (2021), as aulas, na atualidade, precisam ser fundamentadas em estratégias de ensino que promovam desafios mais complexos e que desenvolvam nos estudantes uma atitude proativa, nos trabalhos individuais e coletivos. Desta forma, é necessária uma mudança do(a) aluno(a) e do(a) professor(a), para que ambos realizem as atividades em conjunto, e, conseqüentemente, a aula não estará firmada somente na apropriação de conceitos e técnicas científicas. Em breve, esse ambiente favorecerá uma formação cultural aos estudantes, em que eles poderão dispor do

acesso aos conhecimentos pertencentes às necessidades de criação dos conceitos desenvolvidos, o contexto cultural no qual se originaram, dentre diversas outras variáveis, motivadas pela cultura e pelo meio social.

Quando partimos para o campo da educação financeira, os autores Rosseto *et al.* (2020) mencionam que ela é flexível e, por esse motivo, não se deve avaliar as escolhas dos outros, desde que as consequências de suas decisões possibilitem chegar no final do mês sem dívidas, mesmo não tendo realizado investimentos ou reservas. Os autores complementam, ainda, que devem ser respeitadas as tomadas de decisões das pessoas, já que, muitas vezes, o que parece ser uma decisão financeira errada para uns, pode não ser para outros. Desta maneira, se as juventudes são consideradas heterogêneas, presume-se que suas percepções sobre a educação financeira sejam distintas, logo, devem ser respeitadas as suas tomadas de decisões financeiras.

Na sequência da entrevista, partimos para a questão que perguntava como os(as) estudantes se sentem ao participarem da aula de Educação Financeira. Abaixo algumas falas deles:

[...] eu sou um cara que gosta muito de matemática e sempre me dei bem com número, então eu me sinto bem. É uma matéria que eu gosto muito (Estudante 6).

[...] eu me interesso, até porque, assim como a maioria das pessoas, eu quero evoluir na vida, e, eu tendo uma educação financeira, acaba agregando nisso (Estudante 9).

[...] às vezes eu fico entediada, às vezes eu fico, nossa, meu Deus, não acaba nunca, e, em outros momentos, eu me divirto, porque às vezes o professor passa uma coisa diferente. Esses tempos atrás teve um debate de uma aprovação de uma lei, uma coisa assim, eu participei, eu debati (Estudante 7).

Na maior parte dos relatos, verificamos que, ao participar das aulas de Educação Financeira, eles/as se sentem bem, interessados/as, normais ou gostam, podendo ser visto nas falas dos/as estudantes 6 e 9. No entanto, no relato do/a estudante 7, observamos que em algum momento ele/ela fica entediado/a com o andamento da aula e, em outros, diverte-se bastante quando o professor apresenta uma metodologia diferente. Deste modo, é perceptível que, para o/a estudante, as metodologias ativas brotam como uma maneira que auxilia na construção do conhecimento, mostrando a importância dos trabalhos de Freitas e Moreira (2021), Ramos, Moura e Lavor (2020), Rossetto *et al.* (2020), Sanches, Batista e Marcelino (2021), Silva e Novaes (2021) e Teodosio (2021).

Nesses trabalhos, nota-se que as propostas de práticas pedagógicas diferentes fazem com que o(a) aluno(a) veja a aula com outra perspectiva, demonstrando entusiasmo durante os encontros, e essas práticas possibilitaram reflexões, trocas de experiência, conscientização e contribuem para uma aprendizagem significativa. Nos estudos de Silva e Novaes (2021), podemos refletir que, quando a educação financeira

é apresentada levando em consideração o dia a dia dos estudantes e a gestão das emoções integradas, traz a eles(as) um novo ponto de vista relativo ao assunto, sendo corroborado, após a prática pedagógica, que os pesquisados demonstraram que as atividades impactaram suas vidas.

Contudo, vê-se, na fala da/do Estudante 7, que, quando o professor trouxe um conteúdo sobre determinado tema que estava ocorrendo na atualidade e envolvia seu cotidiano, houve mais entusiasmo, chamando sua atenção para o conteúdo da aula e fazendo com que ela/ele se tornasse protagonista no momento da aprendizagem. Em seguida, partimos para o questionamento sobre qual a opinião deles/as em estudar educação financeira na escola. Começamos as análises dessa questão pela fala dos(as) Estudantes 1 e 8:

[...] foi a primeira vez que tive aula assim de educação financeira (Estudante 1).

Para mim, como eu disse, eu gostei bastante, eu acho bem necessário. Têm muitas escolas que eu vejo ainda que não têm, a de um amigo meu não tem e eu vejo a necessidade que deveria ter naquelas escolas. Todas as escolas deveriam priorizar isso e ter (Estudante 8).

Ao analisar a fala do(a) estudante 1, percebe-se que, até o momento, ele nunca tinha tido alguma aula relacionada à temática no ambiente escolar, sendo a escola o primeiro local de educação formal que proporcionou essa experiência. Já no relato do/da estudante 8, verificamos uma preocupação com o amigo que não teve contato com a disciplina, pelo fato de ser uma disciplina eletiva e ficar a critério da instituição de ensino ofertar. Nessas falas, percebe-se que trabalhar a educação financeira dentro do ambiente escolar não é apenas algo importante, mas sim extremamente necessário.

Silva e Novaes (2021) contribuem ressaltando que a educação financeira é muito importante por preparar os(as) estudantes a refletirem melhor sobre suas relações com o dinheiro e diminuir a possibilidade de desequilíbrio financeiro. No estudo de Luz, Santos e Junger (2020), a maior parte dos estudantes consideraram a educação financeira importante, entretanto, para a grande maioria deles, isso é uma responsabilidade da família e não da escola, ao contrário das repostas apresentadas em nossa pesquisa. Embora o/a Estudante 4 fale, nas questões anteriores, que não via muita contribuição da educação financeira por receber tudo do seu pai, apontou algo diferente nesse relato:

[...] ano passado eu tinha uma noção totalmente diferente de um negócio, porque um amigo meu estava falando que ele só comeu carne duas vezes no ano e já era final de ano e eu não acreditei, impossível isso daí, então é bom a educação financeira para a gente ver como é a diferença das pessoas (Estudante 4).

Se, no relato anterior, ele/ela não via um sentido em estudar educação financeira, após refletir, parece que impactou a sua vida, pois, por intermédio da edu-

cação financeira no ambiente escolar, foi possível enxergar a realidade de outras pessoas, sendo considerado algo bom para ter uma nova percepção de mundo. O(a) Estudante 9 opinou da seguinte maneira acerca de estudar Educação Financeira no ambiente escolar:

É complicado, porque assim o novo ensino médio aderiu à educação financeira como uma coisa nova, factualmente colocando especialista que não necessariamente tinham diplomas naquela área, mas sim de outras áreas. Então a gente vê que existe uma desorganização absoluta dentro do novo ensino médio [...] A gente tem uma educação que não é bem estabelecida, ela é estabelecida às pressas, não só isso, uma das minhas maiores críticas ao novo ensino médio é que ele pensou numa questão de periodização. Vamos aumentar o tempo, e não na questão do aumento da qualidade, porque em contrapartida, por mais que tenham vindo questões como educação financeira, vêm outras matérias que muitas vezes não vão agregar em nada na vida das pessoas (Estudante 9).

A crítica desse(a) estudante também é uma preocupação para Giordano (2023), visto que com frequência defende-se que assuntos importantes como a educação financeira sejam ensinados, porém, nos cursos de Matemática e Pedagogia, é apresentada uma formação limitada sobre a temática, muitas vezes como quase inexistente. Na questão da jornada de trabalho, muitos professores também tiveram uma redução na carga horária de sua disciplina e, assim, precisaram migrar para outras áreas de ensino em que não possuíam conhecimentos sólidos para completar sua jornada de trabalho, o que acaba resultando em incertezas de como tais aulas estão sendo ministradas.

Nas entrevistas realizadas por Zago, presentes na obra de Dayrell *et al.* (2012), que tiveram como sujeitos pais da periferia urbana e jovens do Ensino Médio e superior, é destacada a importância da educação prolongada para satisfazer as demandas do mercado de trabalho, mesmo eles possuindo conhecimento de que um diploma não é garantia de superação das suas condições de trabalho e vida. Para os pais, a escola aparece como um local para se adquirir saberes fundamentais e ocupar os filhos quando a mãe tem uma atividade profissional, um local de socialização e proteção dos filhos perante péssimas influências, mundo das drogas e do convívio nas ruas, demonstrando a inseparabilidade entre socialização e instrução.

É compreensível que o Novo Ensino Médio tenha sido algo colocado em prática às pressas depois de um golpe civil, que retirou direitos trabalhistas da população e reformou a educação com o apoio de empresários, a classe dominante. Os pensamentos da classe dominante são igualmente dominantes em todas as épocas, ou seja, a classe que tem o poder material numa determinada sociedade é também a potência dominante espiritual e suas ideias são as que prevalecem na sua época (Marx; Engels, 2007).

Conforme as descrições acima, percebe-se que a reforma do Ensino Médio foi algo pensando pela classe dominante, premissa que gerou grandes impactos na vida

das pessoas pertencentes às camadas populares, pois, ao determinar que um aluno tem o direito de permanecer na escola em tempo integral, também deve ser assegurada a qualidade no ensino, o que muitas vezes não é evidenciado. O ambiente escolar acaba aparecendo como uma preparação para o mercado de trabalho e um local de segurança para guardar os filhos quando os pais não podem estar presentes. Finalizamos essa questão sobre a opinião de estudar educação financeira no ambiente escolar com a fala do(a) Estudante 5:

Eu sei que isso é essencial para futuramente, porque muitas vezes na minha vida eu vou ter que fazer esse mesmo pensamento. É essencial de qualquer forma (Estudante 5.)

Na resposta do/a estudante, observa-se que ele/a não vê a educação financeira como algo essencial para agora, entretanto, tem uma ideia de que o estudo da educação financeira no ambiente escolar trará a oportunidade de realizar pensamentos semelhantes no decorrer de sua vida, logo, será um conhecimento levado para a vida toda, não focando apenas no mercado de trabalho. Na pesquisa de Saldanha Neto (2021), foi destinado um espaço do questionário para os estudantes discorrerem a respeito de contribuições para o estudo. Nesse espaço, apareceu, nos discursos de alguns estudantes, que a educação financeira é essencial para a vida adulta e, consequentemente, deveria ser obrigatória no ambiente escolar.

Já no estudo de Xisto (2020), foi mostrada uma situação preocupante, pois se destaca que os conhecimentos matemáticos adquiridos no ambiente escolar raramente são utilizados nas decisões de consumo do estudante, seja pela intensa influência de cada trajetória vivida que o motiva a tomar determinada decisão ou pela resistência no momento de aplicá-los. Ainda nos resultados do estudo, um dos pesquisados fala que o conhecimento que possui sobre juros compostos, assunto importante associado à educação financeira, não foi adquirido na escola, mas sim na prática, uma vez que empresta dinheiro a amigos e familiares. Deste modo, quando surge alguma oportunidade ou dificuldade, nota-se que os estudantes vão em busca de conhecimento por conta própria para atender suas necessidades.

Já na pesquisa de Rossetto (2019), os estudantes asseguraram que, por meio da prática pedagógica desenvolvida em sala de aula, seus comportamentos perante o dinheiro foram alterados, sendo que, a partir das aulas, realizaram um controle de suas receitas e despesas, esforçaram-se para economizar e construir uma reserva financeira. Assim, pesquisam preços antes de adquirir produtos e utilizam cálculos para verificar produtos ofertados, o que vem contra os resultados apontados por Xisto (2020), que os estudantes apresentam resistência a aplicar esses conceitos matemáticos.

Para Nascimento (2020), as instituições de ensino devem entender que a Educação Financeira dentro da sala de aula possibilita que o estudante desenvolva habilidades para melhorar a administração das suas finanças e tomar decisões confiáveis e seguras. Em sua pesquisa, salientou que o pouco de conhecimento que os pesquisados sabem sobre a temática foi adquirido por experiência no dia a dia. De

todos os pesquisados, apenas 22,5% nunca tiveram seu nome negativado em órgãos de proteção ao crédito, e a maior parte deles/as, 97,2%, consideram importante que conteúdos de educação financeira sejam abordados nas disciplinas. Dentro dos relatos que motivaram o nome estar negativado, foi apresentada a resposta de ausência de conhecimento relacionado à educação financeira.

De acordo com os resultados expostos acima, percebe-se que a educação financeira ofertada no ambiente escolar traz inúmeros benefícios para a vida das pessoas, já que é um conhecimento que será utilizado durante a vida toda, e a ausência desse conhecimento pode impactar negativamente a qualidade de vida, comprometendo sua renda e ainda incluindo seus nomes em órgãos de proteção ao crédito por falta de cumprimento de obrigações financeiras. Em seguida, partirmos para a questão que buscou verificar quais reflexões as aulas de educação financeira impulsionaram os estudantes a fazer. Os temas associados ao gasto e ao consumo consciente foram os que estiveram com mais frequência nos discursos deles/as.

A pensar como gastar o dinheiro, com o quê e coisas que não são besteira, mas coisas necessárias (Estudante 2).

Eu sempre fui uma pessoa muito compulsiva em comprar as coisas. Então eu via uma coisa, achava que estava super na promoção e comprava, mas, na verdade, não tinha nada de promoção, era só porque eu queria mesmo consumir aquilo. Então, ter a consciência do que realmente é necessário e o que não vai ser necessário (Estudante 8).

Sobre gastos. Que tem a planilha que a gente fez, eu vi quanto que a gente realmente gasta no mês, que não é só com aluguel, luz e água. Que tem muito mais coisa que a gente gasta (Estudante 11).

Muitas das decisões de consumo são guiadas por status e não por necessidade. Cerbasi (2019) fala que o status é você adquirir coisas sem necessidade, com um dinheiro que não possui, para mostrar as pessoas de quem não gosta que você é alguém que nunca será. Deste modo, é necessário que você comece tendo consciência dos seus gastos e isso só é possível a partir do controle financeiro. Já Domingos (2011) afirma que, quando temos consciência dos gastos, iremos gastar melhor, pensando duas vezes antes de realizar determinada compra. A dificuldade de muitas pessoas não é sobre possuir ou não possuir algo, mas sim em saber o que é necessário ter. O motivo dos problemas financeiros, na maioria das situações, está na dificuldade de identificar o que é importante ou essencial, na dificuldade de fazer escolhas eficientes, de saber analisar (Cerbasi, 2019).

No estudo de Rosseto *et al.* (2020), foi disponibilizado um espaço para os estudantes socializarem sobre a temática, abordagens e possíveis contribuições para o seu dia a dia. Nesse momento, também esteve presente que a intervenção pedagógica possibilitou reflexões sobre os gastos dos participantes, em que muitos(as) deles/as começaram a pensar se suas compras realmente eram necessárias, se os preços e

condições de pagamentos eram justos e se iriam conseguir pagar pelo que estavam adquirindo.

Para Silva e Novaes (2021), a educação financeira é considerada muito relevante por capacitar os estudantes a refletirem melhor acerca de suas relações com o dinheiro e diminuir a possibilidade de descontrole financeiro. Deste modo, percebe-se, pela fala dos participantes, que a aula de educação financeira proporcionou reflexões relativas às tomadas de decisões nos momentos de compras, contribuindo para uma relação mais sustentável com as finanças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstram que os estudantes reconhecem a importância do ensino da EF no ambiente escolar, especialmente em questões associadas ao mercado de trabalho e ao dia a dia. Portanto, o ensino da EF na escola não aparece como apenas mais uma disciplina a frequentar, na fala dos estudantes, mas sim como um conhecimento que será utilizado durante a sua trajetória de vida.

Nesta perspectiva, os resultados indicam a relevância da educação financeira (EF) no cotidiano dos estudantes e nas relações com o trabalho, bem como ficou evidente a necessidade de lidar com questões econômicas que surgem no dia a dia. Logo, as aulas de educação financeira, na presente pesquisa, contribuíram para reflexões quanto a gastos e consumo consciente dos(as) estudantes.

Observou-se, pelos relatos deles, que os conteúdos trabalhados na aula de educação financeira auxiliam de inúmeras maneiras, seja na preparação para o mercado de trabalho ou no aprendizado em lidar melhor com o dinheiro ou simplesmente como um conhecimento que pode ajudar na prolongação dos estudos. Nessas contribuições, a família aparece como uma forte influenciadora no comportamento dos filhos, podendo impactar de forma positiva ou negativa a relação deles com o dinheiro, conforme a percepção dos estudantes.

A maior parte dos/as estudantes se interessam, gostam ou se sentem bem ao participar da aula de educação financeira. Entretanto, há uma parte deles/as que às vezes se mostra entediada durante a aula, e esse sentimento pode ser quebrado com a utilização de metodologias de ensino que saiam do comum, em que o(a) aluno(a) apareça como o protagonista no processo de ensino e aprendizagem.

A educação financeira no ambiente escolar aparece como algo necessário e importante, caracterizando, muitas vezes, como o primeiro ambiente formal de educação que oportuniza esse contato com o mundo das finanças. Tal conhecimento adquirido na aula será algo utilizado durante toda a vida. Porém, surgem críticas ao Novo Ensino Médio de que foi algo estabelecido às pressas, gerando incertezas de como as aulas estão sendo ministradas.

Além disso, as aulas de educação financeira possibilitaram reflexões acerca de gastos e consumo consciente nos/as estudantes, alterando comportamentos considerados inadequados perante o dinheiro e fazendo com que enxergassem novas

realidades. Diante disso, constata-se que a educação financeira na escola não é apenas uma disciplina comum, que logo deixará de ser utilizada, mas sim um conhecimento que será aplicado durante toda a vida, e sua ausência pode impactar negativamente a vida das pessoas por um longo período.

Neste sentido, na pesquisa, foi possível observar, mediante os resultados, que alguns estudantes possuem a concepção de que a disciplina de Educação Financeira os auxilia a lidar com situações cotidianas que envolvem conhecer o valor de mercadorias, tomar decisões com dinheiro e administrar, em alguns momentos, suas próprias finanças, tendo como finalidade economizar para poder investir em suas metas e estar mais conscientes para a o futuro.

Contudo, também vimos que alguns têm dificuldade de organização de sua vida pessoal no que diz respeito ao consumo consciente, investimentos, juros etc., portanto, consideramos que a EF precisa apresentar conhecimentos com conteúdo que leve a uma educação integral para que os estudantes entendam o todo e possam contribuir com transformações na sociedade no que concerne aos seus direitos, justiça social e sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. S. **Juventudes e ensino médio**: transições, trajetórias e projetos de futuro. Curitiba: CRV, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zarat, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros nacionais curriculares do ensino médio**: bases legais. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 30 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais:** ensino fundamental. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCNs+ ensino médio:** orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 20 set. 2024.

CERBASI, G. **A riqueza da vida simples.** Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor.** Rio de Janeiro: CNC indicadores, 2024.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJfFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2020.

DAYRELL, J. *et al.* **Família, escola e juventude:** olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira.** São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2011.

FREITAS, B. G.; MOREIRA, V. G. "Empréstimos & financiamentos: uma proposta para o ensino de sistemas de amortização no ensino médio. **Em Teia: Revista De Educação Matemática E Tecnológica Iberoamericana**, Recife, PE, v. 12, n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3186804555>. Acesso em: 06 maio 2023.

GIORDANO, C. C. Desafios do novo ensino médio. **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 28, n. 78, p. 186-190, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/periodicos/index.php/emr/article/view/3319>. Acesso em: 22 abr. 2024.

GIORDANO, C. C. *et al.* Educação financeira e resolução de problemas na proposta curricular brasileira. **Areté, Revista Digital del Doctorado en Educación**, Caracas, Venezuela, v. 9, n. 18, p. 11-36, 2023. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2443-45662023000200011. Acesso em: 23 maio 2024.

KISTEMANN JUNIOR, M. A. **Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos-consumidores**. 2011. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102096>. Acesso em: 13 fev. 2023.

KISTEMANN JÚNIOR, M. A.; GIORDANO, C. C.; DAMASCENO, A. V. C. Cenários para entender o novo ensino médio no contexto da matemática e da educação financeira escolar. **Em Teia: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, Recife, v. 13, n. 3, p. 261-289, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/254698>. Acesso em: 07 ago. 2024.

LUZ, J. O. C.; SANTOS, M. E. K. L.; JUNGER, A. P. Educação financeira: um estudo de caso com jovens do ensino médio na cidade de São Paulo. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 199-211, 2020. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/2453/0>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MAZZI, L. C.; DOMINGUES, N. S. Educação financeira na educação básica: um foco nas percepções dos estudantes. **EM TEIA: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, Recife, v. 12, n. 2, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/emteia/article/view/250469>. Acesso em: 04 abr. 2024.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

NASCIMENTO, W. G. **Educação financeira na educação de jovens e adultos: vivências no Instituto Federal de Goiás (IFG)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade do Vale do Taquari (Univates), Lajeado, RS, 2020.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Education at a Glance 2022**. Paris: OECD Indicators, 2022. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/3197152b-en.pdf?expires=1685450609&id=id&accname=ocid54025470&checksum=45F5A267E5204932543FE8F3D7F4B775>. Acesso em: 03 jun. 2023.

RAMOS, M. S. F.; MOURA, P. S.; LAVOR, O. P. Educação financeira: sequência didática com o aplicativo “minhas economias”. **Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 1-19, 2020. Disponível em:

<https://funes.uniandes.edu.co/wp-content/uploads/tainacan-items/32454/1205057/Ramos2020Educacao.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

ROSSETTO, J. C. **Educação financeira crítica**: a gestão do orçamento familiar por meio de uma prática pedagógica na educação de jovens e adultos. 2019. Dissertação (Mestrado de Ensino de Ciências Exatas) - Universidade do Vale do Taquari (Univates), Lajeado, RS, 2019.

ROSSETTO, J. C. *et al.* Educação financeira crítica: uma prática pedagógica para a educação de jovens e adultos. **REVEMAT: Revista Eletrônica de matemática**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 1-24, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&id=W3112641153>. Acesso em: 05 out. 2024.

SALDANHA NETO, M. F. **Educação financeira para jovens estudantes**. 2021.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) - Centro Universitário Internacional (UNINTER), Curitiba, 2021.

SANCHES, R. M. L.; BATISTA, S. C. F.; MARCELINO, V. S. Educação financeira no ensino de matemática financeira: uma experiência com sala de aula invertida no curso normal a nível médio. **Em Teia: Revista De Educação Matemática E Tecnológica Iberoamericana**, Recife, v. 12, n. 2, p. 1-24, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/250339>. Acesso em: 02 jun. 2023.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo base do ensino médio do território catarinense**: caderno 2 – formação geral básica. Florianópolis: Gráfica Coan, 2021a. Disponível em:

<https://www.sed.sc.gov.br/servicos/etapas-e-modalidades-de-ensino/29-modalidade-de-ensino/31310-novo-ensino-medio>>. Acesso em: 09 out. 2022.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Novo ensino médio**:

componentes curriculares eletivos: construindo e ampliando saberes: caderno 4 - portfólio dos(as) educadores(as). Florianópolis: Gráfica Coan, 2021b. Disponível em:

<https://www.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2024/04/Caderno-4-.-Curriculo-Base-do-Ensino-Medio-de-Santa-Catarina.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.

SILVA, E. D. **Gestão em finanças pessoais**: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

SILVA, L. S.; NOVAES, D. V. Educação financeira e educação socioemocional integradas para discutir armadilhas psicológicas em decisões financeiras. **Educação Matemática pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 713-740, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/51835>. Acesso em: 15 ago. 2024.

TEODOSIO, E. S. Storytelling como uma metodologia ativa no ensino de Matemática. **BOCEHM - Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, Fortaleza-CE, v. 8, n. 23, p. 258-268, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/big1038/Downloads/Storytelling como uma metodologia ativa no e nsino .pdf](file:///C:/Users/big1038/Downloads/Storytelling%20como%20uma%20metodologia%20ativa%20no%20e%20nsino.pdf). Acesso em: 10 out. 2023.

XISTO, L. P. **Educação financeira na educação de jovens e adultos (EJA)**: buscando uma visão empreendedora para estudantes adultos no município de Irupi - ES. 2020. (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2020.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Tânia Regina Raitz - Participação intelectual, concepção, execução, análise e redação do trabalho.

Daniel de Mello - Participação intelectual, concepção, execução, análise e redação do trabalho.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "Jovens estudantes do ensino médio, o trabalho e a educação financeira (EF) em foco".

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão disponíveis no artigo.

Revisado por:

Jussara Terezinha Raitz

E-mail: juraitz@gmail.com